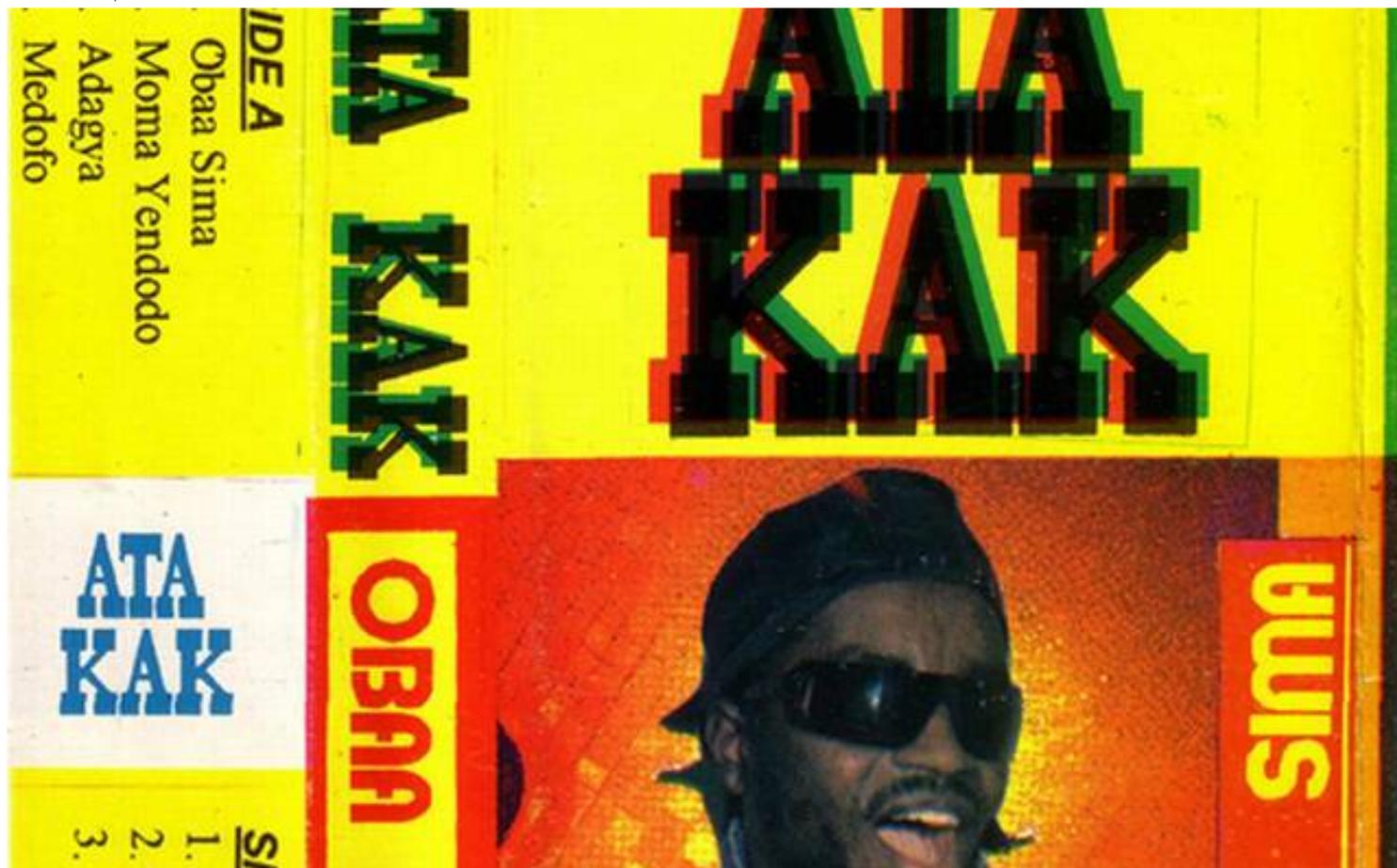


Como a internet impulsiona a febre por ‘novos velhos’ artistas

Camilo Rocha 14 Abr 2017 (atualizado 17/Abr 16h49)

DJs, gravadoras e ouvintes fazem obscuridades do passado viralizar da noite para o dia

FOTO: REPRODUÇÃO



📷 CAPA DA FITA CASSETE DO MÚSICO GANENSE ATA KAK

A descoberta de nomes e sonoridades obscuras do passado, relançados para novos públicos, não é um movimento novo na indústria musical. Entretanto, a busca constante por coisas diferentes e as facilidades de disseminação da rede têm ajudado a dar uma projeção inédita a nomes que mal eram conhecidos em seu país de origem, na época em que gravaram seus trabalhos. Com isso, trajetórias musicais interrompidas são retomadas e uma nova geração proporciona o reconhecimento que não houve no passado.

Para muitos DJs e gravadoras independentes, caçar talentos atualmente não se limita apenas aos novos músicos. O próximo sucesso de vendas pode estar encostado em um velho sebo na Nigéria. Ou na forma de um antigo álbum japonês que caiu nas graças de ouvintes no YouTube.

Para Augusto Olivani, metade da dupla de DJs e produtores Selvagem, o fenômeno é exacerbado por uma “febre colecionista” em que as pessoas “surfam de uma onda para outra com muita facilidade atrás de um gênero virgem - que rapidamente é atacado, fetichizado e inflacionado”. Segundo o DJ, “de uma hora pra outra, todos querem os mesmos discos”.

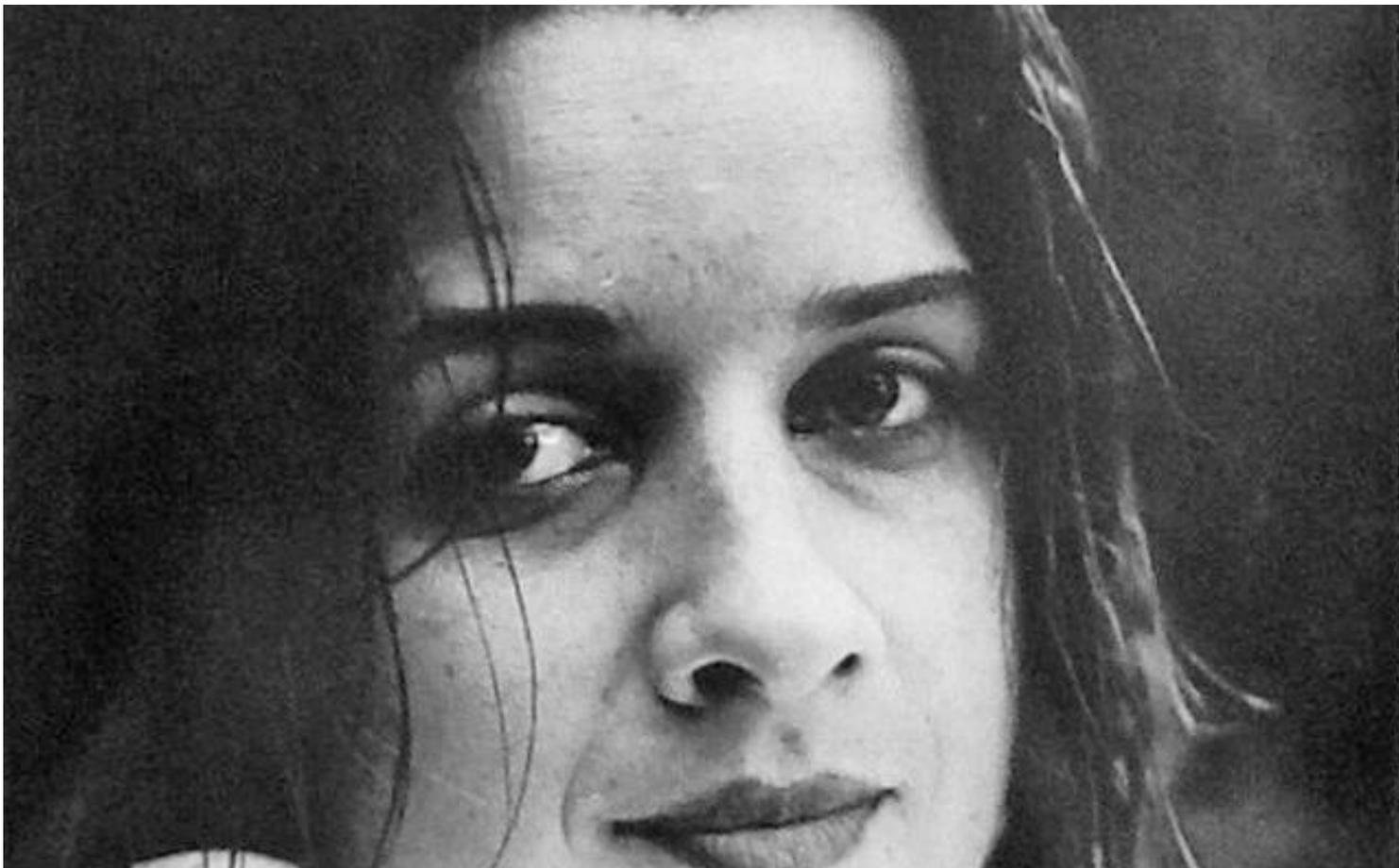
“É claro que precisa ter uma descoberta física antes de tudo, o ‘bandeirante’ que foi lá e descobriu primeiro”, diz Olivani. “Ele pode ter colocado no YouTube, num programa de rádio ou tocado numa festa/festival e então algo absolutamente desconhecido até então pode viralizar quase que do dia para noite.”

Depois de achar a raridade esquecida, vem outro trabalho que pode ser muito demorado, quando não impossível: localizar os artistas antigos e os donos dos direitos das obras para que seu relançamento seja autorizado. Afinal, muitos dos artistas já abandonaram a música há muito tempo.

Resgates dos últimos anos incluem músicas disco do Suriname, funk nigeriano da década de 1980, rock eletrônico de garagem da Austrália ou sons experimentais brasileiros de várias décadas atrás.

Entre artistas individuais, há o caso do nigeriano William Onyeabor, cujos álbuns de funk eletrônico das décadas de 70 e 80 acabaram celebrados por artistas ocidentais como Alexis Taylor (da banda Hot Chip), Damon Albarn (Gorillaz e Blur) e David Byrne. Onyeabor também virou tema de documentário e homenageado por shows-tributo. O músico morreu em janeiro de 2017.

FOTO: REPRODUÇÃO



📷 CAPA DO ÁLBUM "BRASILEIRA", DE MARIA RITA STUMPF, DE 1988

O ganense Ata Kak, descoberto pelo etnomusicólogo e blogueiro americano Brian Shimkovitz (responsável pelo blog [Awesome Tapes From Africa](http://www.awesometapes.com) (<http://www.awesometapes.com>), só com cassetes africanas) por meio de uma fita de 1994 comprada em uma feira em Gana. Ata Kak foi encontrado depois de meses de procura e não gravava há duas décadas. Rapidamente, a música de Ata Kak começou a ser recomendada por diversos DJs europeus conhecidos. Em 2016, o músico se apresentou em diversos países europeus. Para este ano, tem mais oito shows agendados, incluindo três festivais.

O **Nexo** selecionou cinco lançamentos recentes, entre álbuns reeditados, mixtapes e coletâneas, de nomes perdidos no tempo que ganharam uma segunda chance graças aos garimpeiros e à internet.

Ata Kak - Obaa Sima

Lançado em fita cassete, o álbum do ganense é um mesclado de house e hip hop com músicas cantadas em dialeto Twi. Soa improvisado, bizarro por vezes, mas tem energia. O acabamento da produção é cru, e é esse um dos atrativos. Para os shows de Ata Kak, o produtor Brian Shimkovitz buscou ser fiel à sonoridade caseira: "A ideia é que a banda venha com o som e a vibe do cassete e fazer com que o ao vivo mais ou menos siga aquele som", explicou ao site Fact Magazine.

Ata Kak - Obaa Sima [Full Album]



Midori Takada - Through the Looking Glass

Em 1983, a instrumentista japonesa Midori Takada lançou este álbum de música minimalista e ambient (gênero que enfatiza timbres e texturas em vez de canções, geralmente com um clima tranquilizante). Na época, poucos prestaram atenção. Por um motivo algorítmico misterioso, o álbum virou uma ocorrência comum entre as sugestões automáticas do YouTube para usuários que buscavam por música minimalista. Com isso, o disco alcançou 1,6 milhão de visualizações no YouTube. Em janeiro, seu relançamento foi anunciado nos EUA. Um alívio para os novos fãs, uma vez que o vinil original estava custando em média US\$ 750 (cerca de R\$ 2.400 em abril de 2017). Takada, hoje com 65 anos, foi convidada para shows na Europa.

Midori Takada - Through The Looking Glass.



Vários artistas - Outro Tempo: Electronic and contemporary music from Brazil: 1978-1992

Compilação holandesa organizada por um DJ inglês que apresenta artistas da franja mais experimental da música brasileira das décadas de 1980 e 70. Há faixas instrumentais, intersecções entre jazz e MPB e usos discretos de elementos eletrônicos. Traz coisas como os Mulheres Negras tocando uma versão sintética de “Eu só quero um xodó”, de Luiz Gonzaga; a baiana Andrea Daltro, de formação erudita, mas aqui dedicada a uma eletrônica étnica vanguardista; e Maria Rita Stumpf, paulista que tocou com Luiz Eça e Uakti e cujo álbum “Brasileira” virou item cult há pouco tempo (chegando a custar R\$ 2.000 no Mercado Livre). O álbum será relançado também pelo selo da dupla Selvagem, Selva Discos.

Andréa Daltro - Kiuá



Vários artistas - Oz Waves

O rock australiano ficou famoso na década de 80 por conta de bandas como Oingo Boingo e Midnight Oil. Nos subterrâneos de Sydney e Melbourne, entretanto, corriam outras sonoridades. Muitas estão aqui neste álbum, cuja seleção é fruto da pesquisa do DJ Steele Bonus. Muitas das faixas aqui existiam antes apenas como fita cassete, algumas delas com apenas cinco cópias em circulação. Marcada por um encontro entre instrumentos eletrônicos e atitude punk, as bandas aqui são livres para explorar. Enquanto Irena Xero é pop blasé e melancólico à la Nico (cantora do Velvet Underground), a banda Zerox Dreamflesh aposta no dub reggae.

Irena Xero - Lady On The Train



Vários artistas - Au Revoir, Mogadishu

Mixtape montada por um selo de fita cassete de Berlin que tem como objetivo mostrar os “dias de ouro da música somali”. A seleção vai até o fim da década de 80, antes de começar a guerra civil que destróçou o país e, por consequência, sua cena cultural. Boa parte do material é dançante, trazendo um olhar local para balanços reggae, disco e funk, mas também com nítidas influências de sons da África, Índia e do Oriente Médio. Destaque para a Dur Dur Band, nome que era sucesso na década de 80 no país. Boa parte das faixas não foi extraída de discos, que simplesmente não estavam à disposição, mas de trechos de programas de televisão e fitas de VHS.